

*Existe em alguns brasileiros a vocação para driblar os obstáculos colocados pelo subdesenvolvimento e produzir trabalhos de ponta, que pouco ou*



os inov

# A psicanálise sai às ruas

LINA DE ALBUQUERQUE

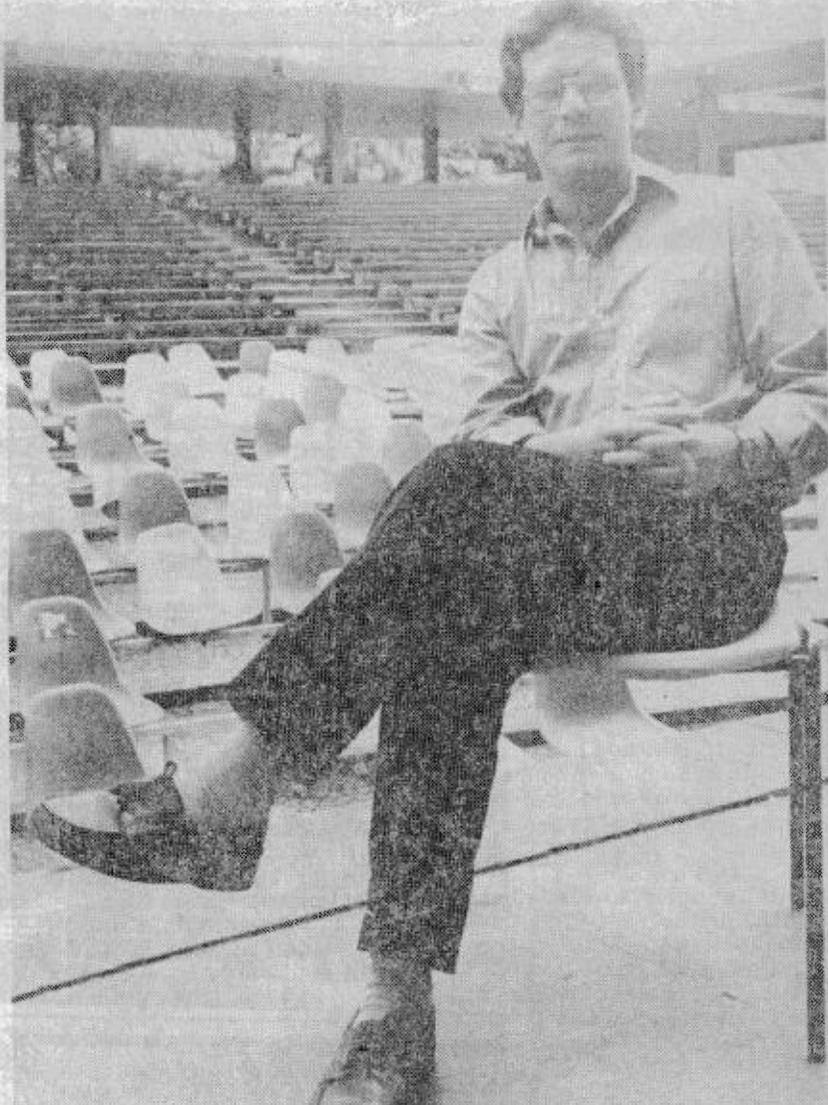
São raros os psicanalistas brasileiros dispostos a ampliar as fronteiras das quatro paredes de seus consultórios.



Os divãs parecem ainda feitos sob medida para a elite se deitar. O psicanalista pernambucano Jurandir Freire Costa, 45 anos, é um caso à parte. Ele não só está interessado em descobrir as bases de uma psicoterapia adequada às camadas populares, como se tem dedicado a investigar, à luz da psicanálise, os mecanismos sociais responsáveis pelos sofrimentos desse segmento da população.

"Eu o vejo como um profissional extremamente interessado em dialogar com as outras áreas do conhecimento", opina a antropóloga Andréia Loyola, que coordena na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) uma pesquisa, da qual Costa participa, sobre a homossexualidade masculina frente à Aids. No ano passado e começo deste, o nome de Jurandir Freire Costa, diretor do Instituto de Medicina Social da UERJ ganhou notoriedade pela publicação de dois estudos indispensáveis ao diagnóstico do imaginário sociocultural do País: o ensaio *Narcisismo em tempos sombrios* e o livro *Psicanálise e Contexto Cultural*, produto de sua tese de livre-docência.

O primeiro trabalho é uma radiografia de um país acossado pelo degradante quarteto formado pela violência, cinismo, delinquência e narcisismo. Diante desse quadro, o psicanalista identifica o maior sintoma da doença do Brasil: um estado de "pânico narcísico", que leva o brasileiro a conceder a si próprio a permissão de praticar impunemente atos de violência. No segundo, ele se propõe analisar uma característica psíquica típica da população de baixa renda. Trata-se da popular "doença dos nervos", que nunca mereceu reconhecimento oficial da psicanálise. "Os 'doentes dos nervos' são incompreendidos pelos psicanalistas, porque se dizem portadores de sintomas tão vagos como um buraco no estômago, pernas bambas, ou vontade repentina de chorar", observa. "Mas não são eles que devem ser mais precisos, e sim os psicanalistas que precisam aprender a entender a sua linguagem."



José Simões/AE

*Costa: psicanálise para brasileiros em pânico*

O material utilizado nesse livro foi fruto da experiência de cinco anos atendendo a pacientes pobres no Hospital Psiquiátrico D. Pedro II, no Rio (ele foi demitido de lá o ano passado pelo diretor da instituição). Mas, apesar de sempre ter em vista a realidade palpável de seu país, Costa não menospreza a teoria. Ao contrário, a leitura do filósofo Michel Foucault, por exemplo, tem ajudado as suas pesquisas com homossexuais. As idéias do psicanalista Jacques Lacan também o auxiliaram na tentativa de compreender a linguagem da população carente. As influências do etnólogo húngaro Georges Dévereux foram ainda decisivas para a sua concepção pluralista das culturas.

A sua capacidade de enfocar os problemas sociais a partir de teorias psicanalíticas é apontada como um mérito tanto pelo psicanalista Renato Mezan como pela psicóloga Cristina Kupfer. "Ele se destaca pelo empenho de retirar a psicanálise dos cercos dos consultórios", acrescenta o psicanalista Nelson Carrozo. Por uma artimanha do destino (a mudança da diretoria da Divisão Nacional de Saúde), Costa retornou esta semana ao D. Pedro II. Agora ele pretende implantar ali um sistema de acompanhamento de psicóticos fora da instituição psiquiátrica, nos moldes do tratamento realizado em São Paulo pelo Hospital A Casa e pelo Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS).